

COVID-19 – MORTE PELO VIRUS E PELA FOME

Alaor Chaves

A pandemia de covid-19 não poderia ter escolhido pior momento para surgir. A grande crise ambiental, que inclui o aquecimento global, a xenofobia e o crescimento da extrema direita como reações à onda migratória, a concentração de renda, a África excluída da agenda internacional. Os EUA com o pior presidente da sua história, apoiado por fanáticos internos e por alguns presidentes de nações estrangeiras, que agem como seus vassalos.

O novo coronavírus, causador do mal, ainda é muito pouco conhecido; não se sabe ao certo nem mesmo quando e como surgiu. É muito diferente dos coronavírus antes conhecidos e mestre em armar surpresas. Ninguém é capaz de antever a dimensão da pandemia, nem se ela será um problema permanente, como a influenza, só que muito mais grave e letal. Epidemiologistas de todo o mundo envolveram-se intensamente no enfrentamento da pandemia. Médicos e enfermeiros, que lidam diretamente com os doentes, têm sido infectados em taxas muito acima da população geral.

O que fazer para minimizar as mortes, o sofrimento e outros problemas causados pela pandemia? Ninguém sabe. Alguns chefes de governo minimizam a dimensão do problema, invariavelmente com resultados muito graves. Outros dizem que “seguem a ciência”. Mas o quê, exatamente, significa seguir a ciência? Cientistas fazem ciência e opinam, como cidadãos, sobre o uso da ciência que fazem e das tecnologias que ela gera. Mas quem decide sobre o emprego de ciência e de técnicas é a sociedade como um todo, não os cientistas, por mais qualificados que eles sejam para opinar sobre o assunto. Nos últimos meses, a presença de médicos e epidemiologistas na mídia, principalmente na TV, tem sido muito intensa. Ensinam-nos muita coisa sobre o vírus e a covid-19, e em geral advertem sobre o quanto ainda se ignora sobre o assunto. Mas, invariavelmente, recomendam o isolamento social – mantidos os serviços essenciais – enquanto se aguarda alguma vacina ou tratamento eficaz. Fiquem em casa, dizem todos eles.

No início da pandemia, quase todos os prefeitos e governadores seguiram a recomendação, com a justificativa aparentemente inquestionável: “Estamos seguindo a ciência.” No outro extremo das ações políticas, vemos governantes poderosos, com destaque para Trump, presidente da mais poderosa nação do planeta, que minimizam a dimensão do problema e ordenam a continuação normal das atividades do país, com a justificativa

igualmente inquestionável: “O país não pode parar.” Todos se deram mal. Os primeiros falharam primeiro, os segundos logo os acompanharam no fracasso.

Ouvir a ciência – o que não significa obedecer aos cientistas – já demonstrou, em outras circunstâncias, ser uma posição política geradora de resultados muito positivos. Mas a ciência contém inúmeras especialidades, e numa situação complexa como uma pandemia a opinião de uma enorme variedade de cientistas, engenheiros, economistas e humanistas é importante para orientar as decisões políticas. Tem havido muito pouca articulação entre esses diferentes profissionais, tanto no âmbito dos países quanto na ONU. Dentre as organizações que a ONU contém, temos a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), e mesmo entre estas tem havido pouco diálogo.

A solução da pandemia por meio do isolamento social requer que cerca de 70% da população permaneça em casa, o que leva a um nível de paralização da economia insustentável no médio prazo. Considere-se que esse tipo de *lockdown* surte efeito rápido e em coisa de duas semanas o número de infecções começa a cair. Mas tão logo a economia é parcialmente reaberta, as infecções voltam prontamente a crescer.

Muito poucos países são ricos o bastante para socorrer de maneira minimamente satisfatória os que perdem suas rendas por prazo maior do que quatro, cinco meses, até porque as receitas do Estado caem drasticamente com a paralização da economia. E qualquer política de enfrentamento da pandemia tem de contemplar prazo de pelo menos mais um ano. O ser humano está sujeito a problemas enormes, e estamos passando por um deles.

A segurança alimentar da humanidade é muito precária. Segundo a FAO, no início de 2020 o estoque total de grãos armazenados correspondia a apenas 32,5% do consumo previsto para o ano. Esse estoque está principalmente nos países grandes produtores de alimentos, cujas políticas de segurança alimentar não preveem catástrofes capazes de paralisar a produção. No caso de alimentos mais perecíveis, não há estoques significativos; come-se o que se colheu bem pouco antes.

O Oxford Committee for Famine Relief (Oxfam) publicou dia 08 deste mês um relatório muito preocupante sobre o que nos aguarda o futuro próximo. Parte dele é reproduzido literalmente:

“O Programa Mundial de Alimentos (PMA) estima que o número de pessoas em situação de crise de fome subirá para 270 milhões antes do fim do ano, o que representa um aumento de 82% em relação ao número registrado em 2019, devido à pandemia. Isso significa que, antes do final do ano, de 6.100 a 12.200 pessoas poderão estar morrendo de fome a cada dia em decorrência dos impactos sociais e econômicos da pandemia, talvez mais do que as que estarão morrendo todos os dias nessa altura devido à doença.”

A pandemia pede políticas muito enérgicas, adotadas em escala global. A fome afetará muito diferenciadamente os países mais pobres, e é responsabilidade moral dos países ricos arcar com quase todo o ônus da solução. A questão não é puramente moral. Fome e outros problemas, na escala em que muito provavelmente irão ocorrer, levarão a convulsões sociais cujas consequências são totalmente imprevisíveis.